

---

**GÊNERO MELANCÓLICO E SEUS EFEITOS: ABJEÇÃO,  
CRISTALIZAÇÃO E VIOLÊNCIA NO FILME *EL LUGAR SIN LÍMITES***

***MELANCHOLY GENDER AND ITS EFFECTS: ABJECTION,  
CRYSTALLIZATION AND VIOLENCE IN THE FILM EL LUGAR SIN  
LÍMITES***

---

**Felipe de Brito Maiello**  
USP

**Icaro Ferraz Vidal Junior**  
Fiocruz

133

---

**Resumo:** Este ensaio propõe revisar o conceito de gênero melancólico (Butler, 2019a; 2019b; 2022), bem como suas consequências, a partir do filme *El lugar sin límites*, de Arturo Ripstein (1978). Baseada em Gayle Rubin, que defende a anterioridade do tabu da homossexualidade em relação ao incesto, e em Sigmund Freud, que propõe que a melancolia surge da perda de um amor da qual que não se consegue fazer o luto, Judith Butler defende que a heterossexualidade e os gêneros associados a ela fundam-se em uma perda amorosa homossexual primária que não pôde ser pranteada. Assim, a heterossexualidade é melancólica porque resultante da impossibilidade do amor homossexual inicial. Investigaremos três consequências da melancolia de gênero a partir de uma análise de filme *El lugar sin límites*: a abjeção no escopo do desejo do sujeito, a cristalização do gênero que conduz a uma masculinidade hiperbólica e a tensão entre desejo e rechaço, que culmina na violência contra o objeto homossexual amado.

**Palavras-chave:** Gênero melancólico; Homofobia; Estudos de gênero; Psicanálise; Judith Butler.

**Abstract:** This essay proposes to revisit the concept of melancholy gender (Butler, 2019a; 2019b; 2022), as well as its consequences, based on Arturo Ripstein's film *El lugar sin límites* (1978). Based on Gayle Rubin, who defends the anteriority of the taboo of homosexuality in relation to incest, and Sigmund Freud, who proposes that melancholy arises from the loss of a love that cannot be mourned, Judith Butler argues that heterosexuality and the genders associated with it are based on a primary homosexual love loss that could not be mourned. Thus, heterosexuality is melancholic because it

results from the impossibility of initial homosexual love. We will investigate three consequences of gender melancholy based on an analysis of the film *El lugar sin límites*: abjection in the scope of the subject's desire, the crystallisation of gender that leads to hyperbolic masculinity, and the tension between desire and rejection, which culminates in violence against the beloved homosexual object.

**Keywords:** Melancholy gender; Homophobia; Gender studies; Psychoanalysis; Judith Butler.

“Falta algo aqui dentro” é uma autodescrição que ouvi de muitos homens enquanto viajava pelo país falando sobre amor. Repetidas vezes um homem me relatava ter tido sentimentos de exuberância emocional na primeira infância, de alegria irrefreada, de se sentir conectado à vida e às outras pessoas, e então uma ruptura acontecia, um corte, e aquela sensação de ser amado, de ser acolhido, desaparecia. De alguma forma, o teste da masculinidade, me diziam os homens, era a disposição de aceitar essa perda, de não expressá-la sequer no sofrimento privado. Infelizmente, tragicamente, esses numerosos homens estavam lembrando de um momento primordial de desgosto e dor: o momento em que foram obrigados a renunciar ao direito de sentir, de amar, para assumir seu lugar como homens patriarcais (Hooks, 2025, p. 36).

## 1 INTRODUÇÃO

Em seu livro sobre o luto, Carla Rodrigues propõe que “as melancolias são plurais” (Rodrigues, 2022, p. 95). Baseado nessa proposta, o presente ensaio tem o objetivo de explorar uma melancolia específica, conceitualizada por Judith Butler, que relaciona o quadro melancólico com a maneira como o gênero é performativamente produzido.

Por meio da teoria psicanalítica freudiana e dos trabalhos de Gayle Rubin, Butler propõe que, para que haja a produção de homens e mulheres enquanto gêneros, seria necessária a perda de um amor primário homossexual. A filósofa propõe que o complexo de Édipo é um dispositivo que, com a assunção do sujeito como homem ou mulher, encobriria a perda de um amor pelo genitor do mesmo sexo. Essa perda, não pranteada, resulta em uma melancolização. Com efeito, a generificação binária do mundo em homens e mulheres seria o resultado da perda não elaborada do amor homossexual.

Buscaremos discutir três consequências da melancolia de gênero: (1) a abjeção, que é invocada como memória de uma anterioridade à interdição que causa a perda do

amor homossexual primário; (2) a cristalização da masculinidade, frente a uma maior dificuldade de prantear a perda de um amor homossexual; e, por fim, (3) a tensão entre desejo e rechaço que culmina na violência contra os amores homossexuais. Tais consequências serão sistematizadas em diálogo com a análise do filme *El lugar sin límites* (1978), de Arturo Ripstein, adaptação do romance homônimo de José Donoso (1966). Nossa aposta metodológica prevê a des-hierarquização dos corpus fílmico, filosófico e psicanalítico, tendo como horizonte o adensamento das discussões de gênero no campo ampliado da cultura.

Em *El lugar sin límites*, acompanhamos Manuela e seu medo diante da chegada de Pancho na cidade. Segundo Severo Sarduy, que escreveu sobre o romance de Donoso, Manuela é mostrada a partir da coexistência, em um só corpo, de significantes masculinos e femininos, produzindo tensão e repulsa com o antagonismo entre eles (Sarduy, 1969, p. 48). Há frases que se referem a Manuela no feminino, ao mesmo tempo que seu corpo é descrito como o de um homem (Sarduy, 1969, p. 43). Vários nomes comparecem no filme para tentar dar conta dessa tensa ambiguidade: “poto”, “maricón”, “roto”, termos em espanhol utilizados para indicar, além de uma homossexualidade masculina, uma dissidência de gênero.

Manuela é dona de um bordel que foi frequentado por Pancho no passado. Pancho encarna a cristalização da masculinidade. Algo se passou entre os dois e, diante do medo que Manuela manifesta com sua iminente chegada, o espectador pode supor que as coisas não terminaram bem. Enquanto acompanhamos o desenrolar dessa história, somos apresentados a uma cidade decadente, sem eletricidade e quase vazia devido a uma evasão populacional. Em contraste com a tristeza desse cenário, temos notícias de um passado alegre, quando a dona do bordel era Japonesa, com quem Manuela teve uma filha, Japonesita. Os *flashbacks* que dão acesso a esse passado são marcados por uma atmosfera festiva, com o bordel cheio de vida. Deputado morador do vilarejo, Don Alejo é um caudilho, dono de grande parte da cidade. Desempenha um papel-chave na trama, operando como mediador entre a lei e a masculinidade naquele lugar. Sempre acompanhado de seus cachorros e capanga, manda na cidade e observa as relações entre Manuela e Pancho.

Nossa aposta é que o filme de Ripstein, em seus aspectos narrativos e formais, nos permite identificar e compreender algumas consequências importantes da

melancolia de gênero. De partida, a melancolia se revela na própria cidade, marcada por uma série de faltas: falta de luz elétrica, falta de população e, conseqüentemente, falta de clientes no bordel, além da falta alegria dos que ali permaneceram.

A abjeção, primeira consequência da melancolia de gênero que estudaremos, é anunciada já no título da narrativa – O lugar sem limites. Por remontar a uma anterioridade da lei, o abjeto tem por efeito o borramento dos limites da lei. A falta de limites da cidade é também a falta de limites vigente até a instauração da lei. Outra figuração da abjeção encontra-se no próprio bordel que é um lugar de rechaço para muitos, ao mesmo tempo em que opera como importante sustentáculo da norma familiar e ratificador da masculinidade. Por se encontrar para além dos contornos da lei, o abjeto causa fascínio e ojeriza, ambigüidade que constitui a relação entre Pancho e Manuela. O desejo entre Pancho e Manuela é simbolizado pela presença da cor vermelha, que pontua dois elementos representativos da lógica binária do gênero: o caminhão de Pancho e o vestido de Manuela, que começa a ser remendado por ela assim que toma conhecimento da chegada iminente de Pancho.

Os personagens de Pancho e Don Alejo testemunham a segunda consequência da melancolia de gênero de que nos ocuparemos. A masculinidade hiperbólica performada por esses personagens sugere que a perda não pranteada leva a uma cristalização de gênero, de modo que estes personagens se apresentam a partir de uma masculinidade hiperbólica, revelada na fúria, na violência, na tentativa de deter a lei e no recalque de fraquezas. Por outro lado, também acompanhamos o que sustenta a referida cristalização masculina, a saber: o desejo homossexual a partir da figura de Manuela, desejada por Pancho e por Don Alejo. Por fim, o assassinato de Manuela ao final do filme revela a tensão presente no desejo quando este investe um objeto que dá margem ao desvelamento da substituição do desejo homossexual inicial que precisou ser perdido. É diante do retorno deste objeto de desejo homossexual que o sujeito se vê dividido entre desejar e rechaçar. O que o filme revela de maneira metonímica é que, por não conseguir prantear a perda homossexual primária, o sujeito se vê dividido quando deseja um objeto que lhe recorda esta perda.

## 2 O GÊNERO MELANCÓLICO E A IMPOSSIBILIDADE DE FAZER O LUTO DE UM AMOR HOMOSSEXUAL PRIMÁRIO

Em *O tráfico de mulheres*, Gayle Rubin (2017) é enfática ao afirmar que o domínio do sexo, do gênero e da sexualidade é um produto social pois ele “tem sido há milênios submetido e transformado por um conjunto incessante de atividades sociais” (Rubin, 2017, p. 18). Rubin critica a proposta de Lévi-Strauss da estrutura elementar de parentesco, na qual a mulher comparece como um objeto de troca. Embora não negue que haja um tabu que divide as escolhas sexuais entre permitidas e proibidas (Rubin, 2017, p. 25), a proposta de Rubin é a de que, anterior ao tabu do incesto, há um tabu menos explícito sobre a sexualidade, o que teria consequências na forma como o gênero é produzido (Rubin, 2017, p. 32). Nas suas palavras:

[...] o tabu do incesto pressupõe a existência de um tabu anterior, menos explícito, sobre a homossexualidade. A proibição de determinadas uniões heterossexuais pressupõe um tabu contra uniões não heterossexuais. O gênero não é apenas uma identificação com um sexo; ele também implica que o desejo sexual se dirija ao outro sexual. A divisão sexual do trabalho entra em jogo com respeito a ambos os aspectos de gênero – ele cria homens e mulheres e os cria como heterossexuais. A supressão do componente homossexual da sexualidade humana e seu corolário, a opressão dos homossexuais, são, portanto, produto do mesmo sistema cuja regras e relações oprimem as mulheres (Rubin, 2017, p. 32).

---

137

Para a antropóloga, tal anterioridade tem consequências psíquicas, pois transforma o Complexo de Édipo, proposto por Sigmund Freud, em um “dispositivo de produção de personalidade sexual”, posto que seria capaz de moldar as formas como os indivíduos dizem de sua própria sexualidade (Rubin, 2017, p. 41). Desse modo, Rubin aponta uma convergência entre Lévi-Strauss e Freud. Enquanto o primeiro mostraria um sistema de parentesco que obriga a uma divisão dos sexos, o segundo propõe a fase edípica enquanto um processo psíquico que dividirá os sexos (Rubin, 2017, p. 49-50). Assim, a “heterossexualidade compulsória” é um produto do sistema de parentesco, enquanto a fase edípica tem como resultado a instituição do desejo heterossexual (Rubin, 2017, p. 49-50).

O mérito de Butler está em pensar tal sistema de parentesco e de formação edípica a partir de uma proposta freudiana até então excluída do pensamento sobre a

formação da sexualidade e do gênero: a melancolia. Sua contribuição foi levar a presença da melancolia enquanto participante da formação do Eu, como propõe Sigmund Freud, até o Complexo de Édipo. Butler pergunta-se sobre qual é o objeto perdido no Édipo, para que o Complexo de Édipo se finalize. Se a melancolia é um processo decorrente da perda que não pode ser formalizada, levando à introjeção no Eu, através da identificação, de um objeto perdido, Butler questiona-se sobre o que a realização do Complexo de Édipo pode dizer de um amor primário obrigatoriamente perdido. Se, para os meninos, o Complexo de Édipo conduz à identificação com o pai, enquanto para a menina, desemboca na identificação com a mãe, a proposta de Butler é que tal identificação só poderia acontecer diante da perda de uma relação amorosa com os genitores do mesmo sexo. Juntando o tabu da homossexualidade à assunção de um sexo no Complexo do Édipo, Butler propõe que o gênero só poderia ser formado a partir da perda de um amor homossexual, o que a faz conceitualizar a “melancolia de gênero”.

Em *Luto e Melancolia*, de Sigmund Freud, encontramos a definição de que a melancolia se dá como reação diante da “perda de um objeto amado” (Freud, 2010a, p. 174). Porém, é no texto “O Eu e o Id” que Freud propõe a melancolia como parte da estruturação do Eu. Como o criador da psicanálise explica neste texto, no processo melancólico o objeto perdido é restabelecido no Eu a partir de uma identificação que substituiria esse investimento objetual, acrescentando que “tal substituição participa enormemente na configuração do Eu” (Freud, 2011b, p. 35). A melancolia não seria, portanto, apenas um tipo de patologia do luto. Em vez disso, podemos afirmar que há um processo melancólico referente a uma perda que causa uma alteração no Eu, ao se introjetar o objeto perdido através de um processo psíquico de identificação (Freud, 2011b, p. 36). Tal processo de identificação é enfaticamente proposto por Butler como produtor de uma identidade:

Essa identificação [presente na melancolia] não é meramente momentânea ou ocasional, mas se torna uma nova estrutura da identidade; com efeito, o outro [amado e perdido] se torna parte do eu através da internalização permanente de seus atributos. [...] Freud esclarece, posteriormente, que o processo de internalização e preservação dos amores perdidos é crucial para a formação do eu e de sua “escolha de objeto” (Butler, 2019a, p. 107).

Como Freud explica em “Psicologia das massas e análise do Eu” (2011a), o processo psíquico de identificação se dá quando um objeto perdido ou renunciado é “novamente instaurado no eu, e este se altera parcialmente conforme o modelo do objeto perdido” (Freud, 2011a, p. 73). Portanto, a identificação se dá sempre a partir da perda de um objeto (Dunker, 2023, p. 67). De modo que o processo de identificação toma o lugar da escolha de objeto (Freud, 2011a, p. 63). Sob a pena de Butler, a identificação revela-se um processo que depende de uma interdição em relação ao objeto amoroso; em um primeiro momento, perde-se o objeto para que depois haja uma identificação com ele e sua introjeção, de modo que a identificação parte da busca de um objeto perdido por uma proibição (Butler, 2019b, p. 175).

A partir dessa antecedência da proibição em relação à identificação, Butler poderá pensar a perda primária de uma relação amorosa homossexual no Complexo de Édipo. Como Freud propõe em “O Eu e o Id”, o resultado do complexo de Édipo é um “precipitado no Eu” estabelecido a partir de uma identificação com o pai e uma identificação com a mãe (Freud, 2011b, p. 42). O que Butler entende da seguinte maneira:

A resolução do complexo de Édipo afeta a identificação de gênero por via não só do tabu do incesto, mas antes disso, do tabu contra a homossexualidade. O resultado é que a pessoa se identifica com o objeto amoroso do mesmo sexo, internalizando por meio disso tanto o objetivo como o objeto do investimento homossexual. As identificações conseqüentes à melancolia são modos de preservação de relações de objeto não resolvidas e, no caso da identificação de gênero com o mesmo sexo, as relações de objeto não resolvidas são invariavelmente homossexuais (Butler, 2019a, p. 115-16).

Portanto, ao considerar que as identificações são processos que substituem relações de objeto após a perda deste, Butler propõe que a identificação de gênero pode ser tida como uma “espécie de melancolia em que o sexo do objeto proibido é internalizado como proibição” (Butler, 2019a, p. 115-116). Portanto, para Butler, o gênero só pode ser adquirido a partir de um repúdio pelos apegos homossexuais (Butler, 2022, p. 145). Em outras palavras, a suposição da feminilidade e de uma masculinidade são frutos de um abandono de amores homossexuais, de modo que a heterossexualidade é produzida não só a partir da proibição do incesto, mas também e antes desta, da proibição da homossexualidade (Butler, 2022, p. 144).

No entanto, é preciso ressaltar: a melancolia se dá como um modo de “*preservar* o objeto como parte do Eu e, por tanto, evitar que a perda seja completa” (Butler, 2022, p. 143, itálico da autoria). O que significa que esse primeiro amor homossexual não é de todo perdido, mas que ele continua a “assombrar e habitar o Eu como uma de suas identificações constitutivas” (Butler, 2022, p. 143). O que, em poucas palavras, pode significar que o objeto perdido “existe com o próprio Eu” (Butler, 2022, p. 143). É diante da possibilidade desse objeto voltar a “assombrar” o Eu que este ensaio irá desdobrar algumas consequências da melancolia de gênero. A nosso ver, ao introjetar esse objeto e mantê-lo no Eu, esse sujeito estaria disposto a reencontrá-lo ao longo de sua vida amorosa, o que não se daria sem tensões e consequências.

A primeira consequência que exploraremos é que o estabelecimento desse amor proibido acaba por produzir uma zona de identificações insuportáveis, por meio das quais conseguimos localizar zonas de amores abjetos, presentes para este tipo de configuração de gênero. A segunda consequência da melancolia de gênero é uma cristalização que acontece quando a perda de amor homossexual se tornou muito difícil de ser pranteada. Por fim, a tensão entre amar e rechaçar causa uma divisão no sujeito, podendo levá-lo a atos violentos. Como já foi mencionado, o que nos permite acessar essa topologia de amores impossíveis na melancolia de gênero é o filme *El lugar sin límites*.

### 3 IMPOSSIBILIDADE DA PERDA E SEUS EFEITOS ABJETOS

Como uma primeira consequência de um gênero melancólico, propomos a existência de uma permanente relação da identidade produzida pelo gênero com os processos de abjeção, podendo ser dividido, a partir do filme, entre zonas abjetas e desejos abjetos. Essa relação com a abjeção se deve ao fato de que tanto a civilização como o gênero se fundam no repúdio aos prazeres e relações eróticas pré-edípicas, de modo que o abjeto apontaria para esse momento no qual a interdição de tais relações ainda não havia se dado. Assim, a relação homossexual primária, que precisa ser perdida para que exista o gênero como o conhecemos pertence a esse momento anterior à interdição, relacionando-se ao abjeto. A questão que nos traz a esse ponto se deve a

que, como vimos, tanto na melancolia de gênero como na abjeção, essas perdas iniciais nunca podem ser apagadas, permanecendo a assombrar o sujeito.

Como explica Julia Kristeva (1989a, p. 8), o abjeto indica a barreira e o esboço de uma cultura, ao se colocar como um estranho que nos lembra uma vida opaca e esquecida. Esta vida a ser esquecida remete a uma falta fundante do ser, do sentido e do desejo (Kristeva, 1989a, p. 12), pois ela se dá antes da repressão primária que dará origem ao Eu e seus objetos (Kristeva, 1989a, p. 19). Desse modo, por não poder ser esquecida, a abjeção será vivida em um momento secundário, como uma “recordação fóbica” que marca os limites do universo humano (Kristeva, 1989a, p. 19). Em outras palavras, o abjeto marca um momento anterior ao Édipo, apontando para aquilo que devemos perder para entrar na cultura, na civilização; isto é, apontando para algo que devemos perder para assumir um Eu e, como podemos entender a partir de Judith Butler, que devemos perder para entrar na divisão de gênero. Assim, por ser anterior à própria presença da lei, o abjeto é aquele que irá perturbar a ordem e o sistema, pois não respeita os limites, os lugares e as regras (Kristeva, 1989a, p. 11).

É por borrar certos limites que podemos perceber no filme aqui abordado a presença do abjeto. Trata-se, como bem diz seu título, de um “lugar sem limites” apontando aí a presença de um processo de abjeção que borra as limitações que as regras e as interdições determinam para os lugares. Trata-se, segundo nossa leitura, da presença metonímica desse amor primário homossexual que precisa ser perdido, mas que por conta de uma melancolização não é esquecido completamente. Este amor volta a assombrar os sujeitos, borrando as limitações que a lei heterossexual concebe.

No entanto, não é apenas no título da narrativa que é possível identificar as marcas da abjeção desse amor homossexual não pranteado, a própria escolha do bordel, como principal cenário da narrativa, também o indica. Como explica Anne McClintock (2010, p. 119), é possível identificar a existência de “zonas abjetas”, para as quais certos grupos populacionais são expulsos, obrigados a habitá-las. Dentre esses lugares, McClintock identifica o bordel como um deles, de modo que as prostitutas se dariam como pertencentes a esses “povos abjetos” (McClintock, 2010, p. 119). A seu ver, esses lugares e essas populações mostram um retorno do abjeto para “assombrar a modernidade como seu repúdio íntimo e constitutivo: o rejeitado de que não conseguimos libertar-nos” (McClintock, 2010, p. 119).

Por sua vez, segundo Judith Butler explica, o abjeto designa zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social, necessárias para que se possa circunscrever o domínio do sujeito (Butler, 2019b, p. 18). De acordo com a filósofa, essa “zona de inabitabilidade” será responsável por circunscrever um limite no qual o sujeito se constitui, a partir de um rechaço ao que foi necessariamente perdido a partir da interdição da lei (Butler, 2019b, p. 18).

Portanto, tanto para Kristeva, Butler e McClintock, a presença do abjeto indica um certo tipo de operação de exclusão necessária para que a norma possa se instalar. Desse modo, é necessário que a homossexualidade seja excluída para que a heterossexualidade se estabeleça. Portanto, a abjeção não trataria apenas de zonas marginais da sociedade, mas também daquilo que a cultura abjeta, expulsa, para que a criança possa se sexuar a partir de um processo de melancolização (Ambra, 2019, p. 57). Em poucas palavras, quando pensamos no filme *El lugar sin límites*, o abjeto não se apresentaria apenas na forma geográfica desse lugar sem borda e sem lei, mas também na forma como o desejo de seus personagens são tensionados e se formam. Trata-se de uma continuidade traçada pela narrativa entre o desejo e seu território. Portanto, tanto o lugar sem limites narrado, o bordel e o desejo de Pancho por Manuela mostram uma tensão entre a lei, o desejo heterossexual e o abjeto. O lugar sem limites e o bordel revelam o que deve ser rechaçado para que outros lugares normativos possam vir a surgir. Ao mesmo tempo, o desejo pavoroso que Pancho sente por Manuela demonstra aquilo que devemos perder para que a identidade hetero-cisgênera possa se estabelecer. Trata-se, como afirma Butler, de tudo que não pode ser reconhecido como pertencente a um determinado sujeito, mas que corre o risco de ser externalizado não só “numa forma degradada, mas também de ser repetidamente repudiado” (Butler, 2022, p. 158).

Em relação ao desejo, a abjeção seria um efeito da própria “incorporação melancólica” presente na produção performativa do gênero. Como Judith Butler explica, se a identificação é um processo que permite preservar psicicamente o objeto perdido, este segue a “assombrar e habitar o Eu” enquanto uma das identificações que o constituiu (Butler, 2022 p. 143). Por isso, a perda melancólica do amor primário homossexual é um processo que permite “a perda do objeto no mundo externo

precisamente porque possibilita uma maneira de *preservar* o objeto como parte do Eu e, portanto, evitar que a perda seja completa” (Butler, 2022, p. 143, grifo da autora).

Desse modo, o gênero e a heterossexualidade só podem ser produzidos desde que um antigo amor homossexual seja mantido presente na própria identidade do sujeito como modo de sustentar tal produção. O efeito que esse processo possui no desejo é a presença contínua do medo, já que o que é “repudiado” tentará ser preservado. Este processo está presente na tensão desejante de Pancho por Manuela. Na cena do encontro de ambos personagens, não é possível negar que haja desejo entre os personagens. Porém, o repúdio passará a afeto dominante quando Octavio, cunhado de Pancho que o acompanha ao bordel de Manuela, reconhece e anuncia, diante da interação entre Pancho e Manuela, o desejo homossexual do cunhado. Trata-se do momento de virada, a partir do qual Pancho começa a tratar Manuela com violência. Com Butler, podemos afirmar que neste momento Pancho se vê diante de uma “pavorosa identificação”, que precisou ser excluída em um processo de abjeção para que seu sujeito fosse constituído diante da lei. Portanto, tal cena revelaria como “o sujeito é constituído por meio da força da exclusão e abjeção que produzem um sentido exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, ‘interior’ ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional” (Butler, 2019b, p. 18). No entanto, esse desejo não seria possível se o abjeto não tivesse a possibilidade de perpetuar e permanecer na vida do sujeito, assombrando e desafiando seus limites.

O pavor que esse desejo causa em Pancho culminará no assassinato de Manuela. A dimensão simbólica dessa violência descortina o custo para que a masculinidade de Pancho se sustente. Veremos a seguir como a forma como o gênero se constitui, enquanto melancólico, torna-se dependente de cristalizações e hipérboles, diante da dificuldade de se prantejar esse amor homossexual perdido.

#### **4 CRISTALIZAÇÃO DO GÊNERO E MASCULINIDADE HIPERBÓLICA**

Quando nos referimos à cristalização do gênero como consequência de sua produção performativa e melancólica, partimos de uma formulação butleriana que propõe que: “quanto mais hiperbólica e defensiva a identificação masculina, mais feroz o investimento homossexual pranteado” (Butler, 2022, p. 148). Isto é, quanto mais

cristalizado é o gênero, maior terá sido a dificuldade de se abrir mão do amor homossexual primário. Como explica Butler em *Problemas de Gênero* (2019a): “a homossexualidade masculina renegada culmina numa masculinidade acentuada ou consolidada” (Butler, 2022, p. 126).

Portanto, a melancolia identificada por Butler na produção da heterossexualidade e presente no funcionamento da produção de gênero, demonstraria que formas muito rígidas de gênero e sexualidade acabam por gerar formas de melancolia (Butler, 2022, p. 152). O que significa que

[...] quanto mais rigorosa e estável é a afinidade de gênero, menos resolvida é a perda original, de modo que as rígidas fronteiras de gênero agem inevitavelmente no sentido de ocultar a perda de um objeto amoroso original, o qual, não reconhecido, não pode se resolver (Butler, 2019a, p. 115-116).

Para pensar o rigor e a estabilidade na apresentação performática do gênero, recorreremos às figuras de Pancho e Don Alejo, no filme *El lugar sin limites*. Em primeiro lugar, a masculinidade hiperbólica de ambos os personagens é apresentada metonimicamente ao longo do filme. Durante a história, Pancho é apresentado muitas vezes a partir de seu caminhão vermelho, demonstrando aqui sua força, seu tamanho e sua potência. Por sua vez, Don Alejo é apresentado através de seus cães de guarda e capangas, ou através de seu dinheiro e seu poder. É preciso lembrar que, enquanto o primeiro é um caminhoneiro que vive na estrada e deixa sua esposa abandonada, Don Alejo é um deputado muito rico, dono de boa parte da cidade e protegido por capangas e cachorros.

A relação com as mulheres que ambos os personagens têm também demonstra uma cristalização da masculinidade. Pancho tem apenas uma cena de diálogo com sua esposa, quando esta reclama de sua ausência e de possíveis traições. Além disso, há uma relação de cumplicidade entre Pancho e seu cunhado Octavo, já que este não só encoraja que o marido de sua irmã tenha relações eróticas com outras mulheres, como acoberta suas traições. Don Alejo, por sua vez, mantém sua esposa presa em casa, o que fica claro em uma cena em que ela percebe a chegada de um estranho a sua residência e, para explicar o ocorrido, enfatiza que como fica presa naquela residência o dia inteiro, qualquer barulho estranho lhe demonstraria a chegada de alguém.

De todo modo, a cena mais representativa da cristalização da masculinidade no filme é um diálogo entre Pancho e Japonesita. A cena começa quando Don Alejo cobra pelo dinheiro que Pancho lhe deve e humilha o caminhoneiro. Após a saída do deputado, Pancho se coloca a chorar, quando é flagrado por Japonesita. Japonesita comenta “está chorando como uma mulher”<sup>1</sup> fazendo com que Pancho reaja, agarrando Japonesita a força e dizendo: “te mato se disser às pessoas que me viu chorando”<sup>2</sup>. Aqui, o espectador pode perceber o tipo de masculinidade que nos está sendo apresentada. Trata-se do estereótipo de um homem que precisa se provar a todo momento: não chorando, através de um erotismo forçado com as mulheres ou da ostentação de símbolos que representem sua potência.

Porém, se lançamos mão da proposta butleriana de melancolia de gênero para analisar tais apresentações de personagens, podemos supor que o que está por trás de tal masculinidade hiperbólica é um amor homossexual primário não pranteado. Uma das falas que nos desperta esse interesse se dá no *flashback* que o filme faz sobre a festa de posse de Don Alejo do cargo de deputado, que ocorreu no bordel. Este ainda estava sob direção de Japonesa e um dos convidados é Manuela, que irá se apresentar para os homens ali presentes, vestida de espanhola. A provocação que os homens fazem à Manuela é violenta, o que é respondido por Japonesa a Manuela, “Eles têm medo de se excitarem”<sup>3</sup>, diz a personagem, apontando para o fato de que os homens ali presentes são violentos com Manuela pois temem o desejo que esta os causa. Manuela continua a apresentar-se e a provocar os homens que ali estão, estes começam a agarrá-la, a tirá-la para dançar em um tipo de baile violento e provocador. O clímax da cena se dá quando, já fora do bordel, jogam Manuela em um rio e esta mostra sua bunda a eles, que gritam em excitação.

Também é possível encontrar essa tensão entre desejo e repulsa em Pancho e Don Alejo. No primeiro caso, suspeitamos que Pancho se sente atraído por Manuela desde o começo do filme. Sua chegada já causa pânico em Manuela que dá pistas sobre um passado violento, que não é aclarado, mas cuja violência podemos supor pela obstinação com que a personagem passa a costurar um vestido vermelho que Pancho

---

<sup>1</sup> No original: “estás llorando como una mujer”.

<sup>2</sup> No original: “te mato si le dices a la gente que me viste chillando”.

<sup>3</sup> No original: “Les da miedo calentarse”.

havia rasgado no último encontro dos dois. Além disso, há uma cena na qual Octavio e Pancho conversam dizendo que vão ao bordel, o primeiro faz uma piada dizendo que Pancho vai procurar por Manuela e ele ri, revelando um desejo oculto que pode surgir diante de um chiste compartilhado entre eles. O espectador terá suas suspeitas confirmadas ao final do filme, quando Pancho e Manuela se encontram no bordel. Manuela dança para ele, o provoca e ele responde chegando a beijá-la. O desejo aqui se concretiza. Porém, quando Octavio interrompe na cena, apontando que seu cunhado havia beijado um “maricón”, Pancho passa a demonstrar sua raiva, iniciando uma série de agressões à Manuela, que resultarão em sua morte.

Em Don Alejo, por sua vez, o desejo é mais difícil de ser identificado, já que como sugere seu próprio nome, Alejo, o deputado sempre se mantém à distância<sup>4</sup>. Na cena da posse, Don Alejo e Japonesa fazem uma aposta: se esta conseguir seduzir Manuela, a casa do bordel será sua. Japonesa ganha a aposta, enquanto Don Alejo assiste distante a cena de amor. Seu desejo se mostra aparente quando, tomado pelo erotismo diante da cena de Japonesa com Manuela, ele se vira e agarra uma prostituta que lhe estava prometida, levando-a para um quarto. Aqui o espectador pode entender como ver Manuela em uma cena erótica lhe despertou seu desejo homossexual recalcado, fazendo com que ele recorresse a um objeto de amor feminino para tentar satisfazê-lo. Assim como a consumação do desejo erótico se dá à distância, a consumação de seu ódio pelo objeto de amor homossexual também é consumado de longe. Don Alejo assiste o assassinato de Manuela. O compadre e ajudante de Don Alejo lhe pergunta se devem intervir na violência, o que é respondido por Alejo que diz que não. Assim, enquanto observador distante, Don Alejo vê seu desejo homoerótico ser extinto na morte de Manuela, pelas mãos de Pancho. A função do deputado será seguir em sua posição masculina através da lei: irá denunciar Pancho às autoridades. Enquanto Pancho poderá seguir sua masculinidade na cadeia, como Don Alejo ameaça: “Na cadeia vão ter um bom tempo para pensarem que são muito machos”<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> O nome Alejo é um apelido para Alejandro, mas há também um duplo sentido: em espanhol, o verbo *alejarse* (afastar-se) conjugado na primeira pessoa do singular seria *me alejo*. A posição, sempre distante, afastada, da personagem em relação aos acontecimentos potencializa essa ambiguidade.

<sup>5</sup> No original: “En la cárcel van a tener buen tiempo para pensar que son muy machos”.

## 5 VIOLÊNCIA E HOMOFOBIA: A TENSÃO ENTRE DESEJO E REPÚDIO

A última consequência da produção melancólica de gênero a ser explorada neste ensaio é a tensão entre desejo e repúdio pelo amor homossexual. Esta tensão se dá exatamente por conta de uma masculinidade cristalizada que não pôde prantear o amor homossexual perdido e que irá ser assombrada por esse desejo em sua vida amorosa, havendo uma fascinação por esse amor homossexual transformado em abjeto.

Em *Sol Negro*, Julia Kristeva entende que, na melancolia, há uma agressividade contra o objeto perdido (Kristeva, 1989b, p. 17). Trata-se de um amar-odiar em relação ao objeto perdido, que se rebaixa ao sujeito e se torna um objeto a se liquidar (Kristeva, 1989b, p. 17). A nosso ver, é nesse amar-odiar no qual se funda a tensão entre desejo-abjeto contra aquele que vem a assumir o lugar do objeto homossexual perdido, dando-se como um objeto a ser eliminado, como podemos acompanhar pelo assassinato de Manuela por Pancho.

Nesse sentido, o abjeto se revela fascinante e, ao mesmo tempo, ameaçador (Kristeva, 1989a, p. 91). O que, a nosso ver, é algo descortinado em relação ao desejo de Pancho por Manuela. Há algo do desejo que está posto desde que Pancho chega na cidade. Em alguns momentos, em suas piadas para Octavio, Pancho deixa escapar seu interesse por Manuela. Quando chega até o bordel de Manuela, embora tome Japonesita para dançar, anuncia que é Manuela quem ele busca. Quando esta aparece, há uma dança, durante a qual Pancho se deixa ser seduzido por Manuela, o que se concretiza com um beijo que Pancho dá na personagem. É apenas no reconhecimento do abjeto por Octavio (“não seja viado você também”<sup>6</sup>) que a tensão se revela e, do desejo, vemos aparecer o rechaço que resulta no assassinato de Manuela. Levando-nos a aproximar esta cena do abjeto, já que a abjeção está bordeada pelo assassinato (Kristeva, 1989a, p. 198). Segundo Kristeva (1989a), na abjeção, uma sobrecarga pulsional do ódio ou da morte irá impedir que as imagens se cristalizem como as imagens do desejo, fazendo com que se instale a dor, o rechaço, o horror, a aniquilação (Kristeva, 1989a, p. 205). Além disso, a própria relação de identificação a partir do amor homossexual primário ajuda a explicar a tensão presente no desejo de Pancho por

---

<sup>6</sup> No original: “no sea maricón usted también”.

Manuela. Isso pois, desde o início, a identificação é ambivalente, podendo tornar-se tanto uma expressão de ternura como de eliminação (Freud, 2011a, p. 61).

A partir de Butler, outra maneira de entender essa tensão entre desejo e rechaço tem a ver com o fato de que a identificação melancólica se dá como uma forma de se preservar esse amor homossexual primário, de maneira que esse objeto perdido pode voltar para “assombrar e habitar o Eu como uma de suas identificações constitutivas” (Butler, 2022, p. 143). Nas palavras de Butler:

Seu querer será assombrado pelo medo de ser o que ele quer, de modo que seu querer também sempre será uma espécie de medo. O que é repudiado e por isso perdido se preserva como identificação repudiada, e é justamente por isso que esse desejo tentará uma identificação que nunca pode ser completa (Butler, 2022, p. 146).

Assim, a partir da preservação do objeto por meio da identificação melancólica, o objeto homossexual interdito volta a assombrar o desejo do sujeito, isso significa que aquilo que foi rechaçado se preserva como uma identificação repudiada. É por isso que Butler entende que a recusa do desejo homossexual possibilita a identificação com a masculinidade, mas “essa masculinidade será assombrada pelo amor que não pode prantejar” (Butler, 2022, p. 146).

Além disso, vale lembrar que na lógica butleriana, influenciada por Michel Foucault, a interdição que transformaria a homossexualidade em um tabu, também atua na produção de um desejo homoerótico. Como Butler explica, a lei proíbe possibilidades sexuais pré-punitivas, porém, acaba por produzir tanto uma heterossexualidade sancionada, como uma homossexualidade transgressora, de modo que teríamos aí uma ilusão da existência de uma sexualidade anterior à lei (Butler, 2019a, p. 133). Portanto, “não só o tabu proíbe e dita a sexualidade em certas formas, mas produz inadvertidamente uma variedade de desejos e identidades substitutos” (Butler, 2019a, p. 137). Sobre o amor primário, a interdição não só estaria proporcionando a produção de uma heterossexualidade sancionada, como perpetuaria esse amor homossexual sob a forma de proibição, criando um desejo homoerótico que voltaria a assombrar esse sujeito.

O sancionamento da heterossexualidade e a interdição sexual não resultam apenas na manutenção do amor homossexual primário e na produção de um desejo

homoerótico, também é esta lei que interdita e destina a homossexualidade para zonas não vivíveis da sociedade. Portanto, como efeito de tal separação (sancionada e interdita), há o estabelecimento de um certo corpo para o qual se dirige uma ameaça ou uma punição de um corpo que falhou “na execução de sua castração” (Butler, 2019b, p. 182-183). Alguns objetos de desejo, como o homossexual, assumem uma marca de destruição, pois, o tipo de objeto que é interdito pela lei é “marcado para ‘morrer’”, de modo que o desejo de aniquilá-los é precisamente “o desejo de aniquilar o objeto que, se amado, causaria a destruição daquele que ama” (Butler, 2022, p. 35).

Como explica Sarduy, o ato sádico de Pancho contra Manuela mostra uma incapacidade de sua parte em se afrontar com seu desejo e assumir a imagem que este coloca (Sarduy, 1968, p. 45). Trata-se de se ver diante de uma identificação pavorosa, causada pelo retorno assombrado de um objeto há muito perdido, mas não pranteado. Ao se ver desejando Manuela, Pancho recorda de seu amor homossexual, anterior a lei, que lhe causa ojeriza, sentindo-se dividido entre desejar Manuela e exterminá-la para manter sua performance de gênero. Desse modo, o gênero melancólico teria como consequência a tensão entre o desejo e o repúdio, podendo ser o catalisador de violências como a homofobia e a transfobia.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja pela abjeção que tensiona o desejo e o rechaço, seja por uma lei que perpetua um amor homossexual e produz um desejo homoerótico ao mesmo tempo que marca estes como executáveis, vemos como um dos destinos da melancolia de gênero é uma tensão, um assombro presente no próprio desejo. Tomado pelo horror, o gênero melancólico acaba por se cristalizar, mas sempre se encontra com o objeto.

Assim, é através da tensão dramatizada no desejo de Pancho por Manuela, na cisão manifesta entre amar e rechaçar que conseguimos propor uma topologia da melancolia de gênero. Por se dar devido a perda não elaborada de um amor homossexual, os gêneros fundados nos moldes heterossexuais acabam tendo por consequência sua própria cristalização e o eterno retorno daquilo que abjeta. Consequências estas ligadas a uma impossibilidade forjada pela lei heterossexual.

## REFERÊNCIAS

AMBRA, Pedro. O gênero endereçado: Butler, Lacan e Laplanche. *In*: ASSUAR, Gisele; NUNER, Luana Viscardi; SILVA JUNIOR, Joaquim Pereira da. (Orgs.). **Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção**. São Paulo: Zagodoni, 2019.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teoria da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019b.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.

DUNKER, Christian Ingo Lenza. **Lutos finitos e infinitos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

El lugar sin límites. Direção de Arturo Ripstein. México, 1978 (110 minutos).

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. *In*: **Introdução ao narcisismo: ensaio de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In*: **Introdução ao narcisismo: ensaio de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. O Eu e o ID. *In*: **Obras completas de Sigmund Freud**. Volume 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. *In*: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

HOOKS, bell. **A vontade de mudar: homens, masculinidades e amor**. São Paulo: Elefante, 2025.

KRISTEVA, Julia. **Poderes de la perversión: Ensayo sobre Louis-Ferdinand Céline**. Buenos Aires: siglo XXI editores, 1989a.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989b.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no debate colonial**. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

RODRIGUES, Carla. **O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo. *In: Políticas do sexo*: Gayle Rybin. São Palo: Uu Editora, 2017.

SARDUY, Severo. Escritura/travestismo. *In: Escrito sobre un cuerpo*: ensayos de crítica. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1969.

---

#### Sobre os autores

##### Felipe de Brito Maiello

Psicanalista e professor, graduado em Letras – Português/Espanhol (FFLCH-USP) e Mestre em Psicologia Social (IP-USP). É pesquisador do grupo “Transformações em Michel Foucault” do LATESFIP-USP e está em formação continuada no Fórum do Campo Lacaniano (SP). Tem interesse nos temas de gênero, sexualidade, teoria literária e literatura comparada.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6245-4767>

##### Icaro Ferraz Vidal Junior

Pesquisador no Laboratório de Comunicação e Saúde (LACES) da Fundação Oswaldo Cruz. Possui doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em História, História da Arte e Arqueologia pelas Universit  de Perpignan Via Domitia e Universit  degli studi di Bergamo.   pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da M dia (CISC), do JUVEN LIA: questões est ticas, geracionais, raciais e de gênero na comunica o e no consumo (ESPM-SP) e do MediaLab (UFRJ).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4907-1267>

#### Como citar esse artigo

MAIELLO, F. de B.; VIDAL JUNIOR, I. F. Gênero melancólico e seus efeitos: abje o, cristaliza o e violência no filme El lugar sin límites. **Passagens: Revista do Programa de Pós-Gradua o em Comunica o da Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, v. 16, n. especial, p. 133-151, 2025.

RECEBIDO EM: 20/06/2025

ACEITO EM: 14/10/2025



Esta obra está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribui o 4.0 Internacional*